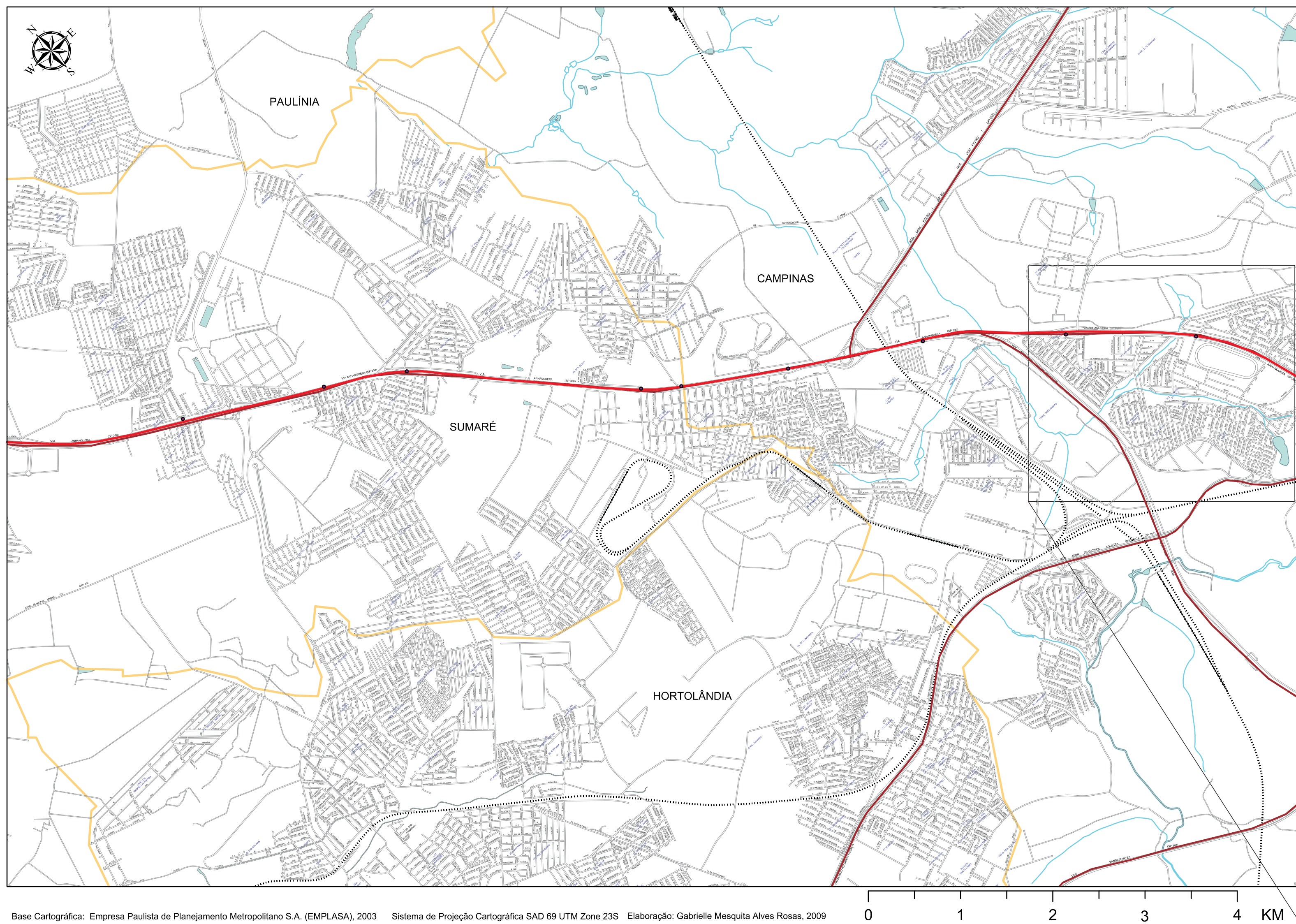


ESPAÇOS DE VIDA, MOBILIDADE E VULNERABILIDADE NA RODOVIA ANHANGUERA

REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS

Palavras-chave: mobilidade cotidiana, espaço de vida, mapas de itinerário e dinâmica urbana.



Área de estudo com destaque para a região do Jd. Eulina e Pq. Via Norte, território vivido de Cecília.

Espaços de Vida

Na metrópole, deslocar-se é mais do que necessário, é atividade central que caracteriza o modo de vida. Análises de padrões de deslocamento destacam objetos e fluxos dando a impressão de que o espaço é neutro. Na base desses processos estão o cotidiano pessoal dos habitantes da metrópole, por isso se torna importante prestar atenção ao ritmo das mobilidades pessoais. Se o modo de vida é espraiado, a mobilidade é fator chave para integrar os espaços de nossa vida. A “mobilidade cotidiana é a mediação na construção de redes de sociabilidade, qualquer alteração na vida de relações tem seu rebatimento nos deslocamentos cotidianos” (BALBIM, 2007, p.194).

Para pensar a mobilidade cotidiana nos utilizamos da análise dos espaços de vida. Através de entrevistas com os moradores da região (dentro da área de estudo que se trata do entorno da rodovia Anhanguera entre o trecho de Campinas e Sumaré) foram feitos mapas mostrando os lugares (passados e atuais) e os itinerários pessoais, bases do processo de deslocamento urbano. Destacando três pólos da geografia do fenômeno: materialidade, produção social e corporeidade (KELLERMAN, 2006). Sendo processos metropolitanos comuns, a análise detalhada e aprofundada de alguns revela aspectos constantes contidos na metrópole.

Lugares e Trajetos de Cecília

Cecília é um nome fictício para a entrevistada de 29 anos moradora do Jd. Eulina – onde se localiza a Sapolândia, região limite entre a rodovia e o bairro caracterizada por moradias de estrutura mais pobre e muitas famílias de baixa renda. Cecília nasceu em Pernambuco mas veio para São Paulo quando ainda era muito pequena. Morou em Guarulhos até adolescência, época em que se mudou pra Campinas junto com a mãe. De começo morou com o tio, o contato que lhe permitiu estabelecer-se melhor na nova cidade, depois mudaram-se para outra casa do mesmo bairro. Estudou em um colégio do Jd. Boa Vista e possui quatro irmãos. Tem uma filha e trabalha numa cooperativa de reciclagem do Pq. Via Norte. Seu caminho mais frequente é feito a pé, idas e vindas do trabalho que incluem a passagem pela Anhanguera de segunda à sexta-feira.

Diz não sair muito por motivos de lazer mas frequenta semanalmente uma igreja dentro de seu bairro, local de encontro de conhecidos. Cecília não faz grandes trajetos e anda pouco de ônibus, diferentemente de sua filha que estuda e frequenta uma ONG fora do bairro. A estratégia utilizada para mandar a filha e a sua irmã (de mesma idade) para escola é a de conhecer os motoristas e cobradores da linha de ônibus, assim não se preocupa e garante a gratuidade do transporte. Atualmente tem sua própria casa, mas almoça todos os dias na casa da mãe tendo relação estreita com os irmãos. Ajuda a mãe com algum dinheiro também.

Observa-se que apesar das mudanças de casa, Cecília sempre esteve no mesmo bairro, fato que lhe traz alguma segurança, expressa no modo como se refere aos caminhos diários que faz. Ao contrário da moradora do Jd. Nova Terra em Sumaré, que afirma ser perigoso andar nas proximidades da rodovia, Cecília não vê problemas. O trajeto casa-trabalho de Cecília é um dos vários trajetos que conectam os bairros separados pela rodovia. A passarela em frente ao Jockey Club confirma a demanda por conexão, além da maior movimentação de pessoas a pé (gerada também pelo ponto de ônibus que dá acesso ao bairro), é possível ver também crianças brincando embaixo da passarela e nos canteiros central da rodovia.

Mobilidade e Vulnerabilidade

O estudo da mobilidade é “(...) uma exigência de uma nova situação histórica na qual as relações entre homem e natureza são qualitativamente diferentes. O termo mobilidade é usado como conceito mais amplo que o de migração, já que considera uma parte crescente dos movimentos da população com impactos sociais, econômicos, políticos e ambientais não caracterizada como “mudanças de residência permanentes ou semipermanentes” senão como movimentos circulatorios ou temporais de curta duração (HOGAN, 2005, p.326).

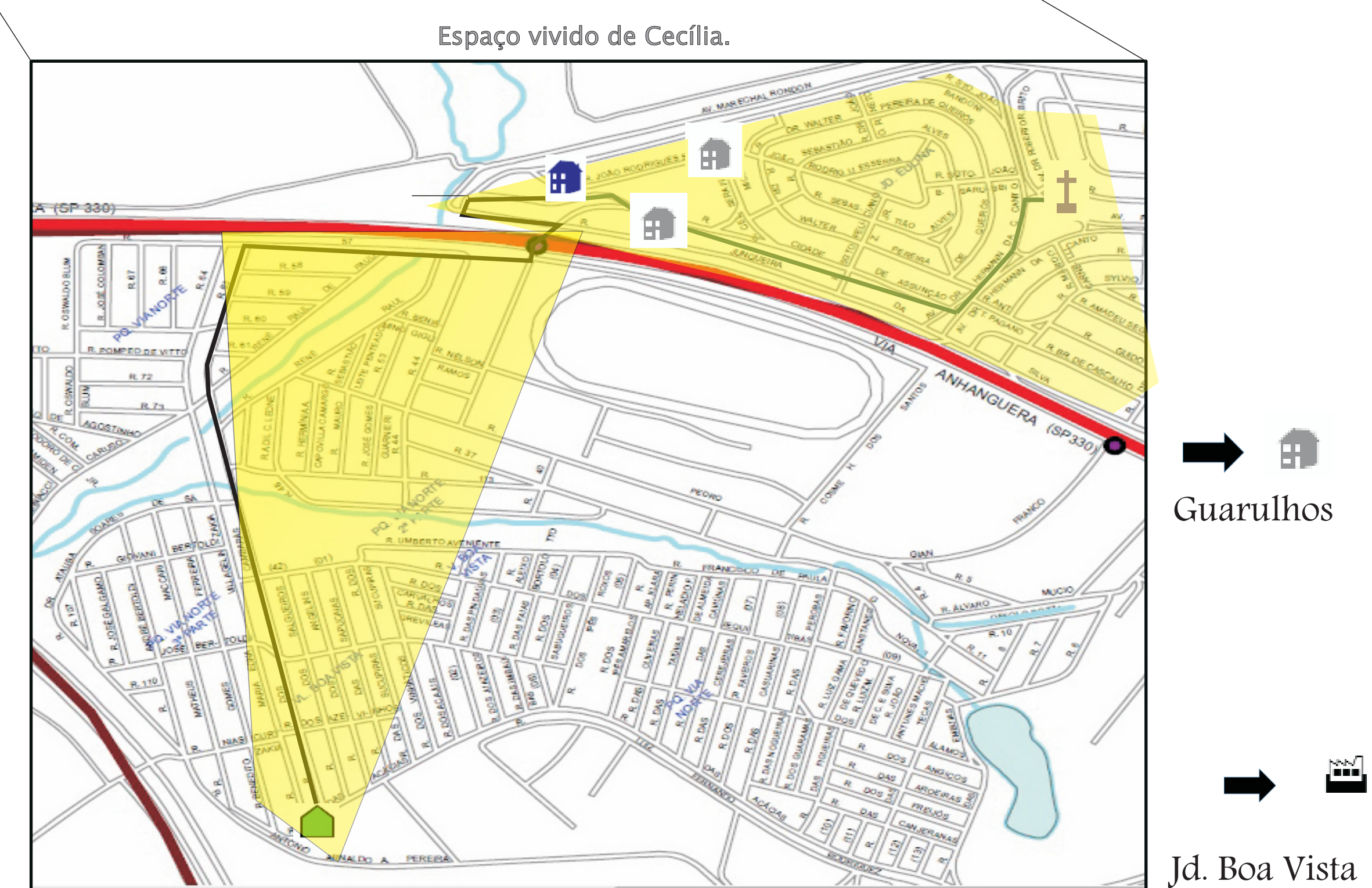
Para estudar a mobilidade como fenômeno, para além do mero deslocamento, “a solução é entender as distâncias e os movimentos sempre em relação aos lugares que engendram as distâncias” (LÉVY, 2001 apud MARANDOLA JR., 2008).

Pensar a Anhanguera enquanto um lugar nos revela outros usos da rodovia, para além do óbvio deslocamento “capital-interior/interior-capital”: enquanto caminho diário de várias pessoas que habitam a Região Metropolitana de Campinas ela se destaca no cotidiano, sendo lugar-destaque na vida destes indivíduos que a usam rotineiramente.

Investigar a rotina destas pessoas é então investigar o próprio lugar. Partimos do cotidiano para entender como esta espacialidade traz questões específicas para a vida das pessoas e como este modo de viver implica na capacidade de resposta das pessoas a riscos e perigos.

Cada qual enfrenta riscos-perigos diferentes, que afetam conscientemente ou não sua qualidade de vida. No contexto da mobilidade metropolitana atual, as pessoas passam a percorrer trajetos regionais, entre caminhos que podem nos fazer andar por espaços dos quais temos pouco ou nenhum domínio e que, por não fazerem parte de nossa rede de lugares, nos submetem a correr riscos insuspeitos (MARANDOLA JR., 2008).

← Pernambuco



LEGENDA:

- casa atual
- casa da memória
- casa natal
- instituição de ensino da memória
- lugares de encontro (trabalho)
- lugares de encontro (lazer)
- Passarela
- território

Gabrielle Mesquita Alves Rosas
Estudante de geografia (IG/UNICAMP).
gab.violeta@gmail.com

Daniel Joseph Hogan
Demógrafo e Sociólogo, Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Pesquisador do Núcleo de Estudos de População, ambos da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/UNICAMP).

Eduardo Marandola Jr.
Pesquisador do Núcleo de Estudos de População, ambos da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/UNICAMP).
eduardom@nepo.unicamp.br

Bibliografia:

BALBIM, Renato N. Práticas Espaciais e Informatização do Espaço da Circulação: mobilidade cotidiana em São Paulo. 2003. Tese (Doutorado em Geografia (Geografia Humana) - Universidade de São Paulo.
HOGAN, Daniel Joseph. Mobilidade populacional, sustentabilidade ambiental e vulnerabilidade social. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, São Paulo, v 22, n. 2, p. 323- 338, jul./dez, 2005.
KELLERMAN, Aharon. Personal Mobilities. London: Routledge, 2006.
MARANDOLA JR., Eduardo. Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 278p. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

